



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: ATP

Data: 24/02/2018

Caderno/Link: Pág. A6

Assunto: "Senti-me mal em pensar que os cristãos eram devorados ali pelos leões"

"Senti-me mal em pensar que os cristãos eram devorados ali pelos leões"

A entrevistada de hoje do jornalista João Umberto Nassif é Ângela Maria de Negri nasceu em São Paulo a 5 de agosto de 1959, filha de Luigi De Negri e Olívia Cosenza De Negri que tiveram os filhos Francisco, Luigi, Enzo e Ângela, que ficou impressionada ao visitar o Coliseu



Seus pais são brasileiros?

Meu pai veio da Itália para o Brasil a 16 de janeiro de 1947, a bordo do navio Almirante Jagegay, ele só comunicou-se com a família 40 dias depois de iniciar a viagem. Ele escreveu durante a viagem um diário, que existe até hoje. Escrito à lápis! Nesse diário conta como foi a viagem, a despedida da família no porto de Gênova. Meu pai lutou na Segunda Guerra Mundial, era "partigiano" (É um lutador armado que não pertence a um exército regular, mas a um movimento de resistência e geralmente organiza grupos para enfrentar um ou mais exércitos regulares. Literalmente, significa "partidário". Na Itália, o termo "partidário" refere-se a Resistência durante a Segunda Guerra Mundial). Ele lutou contra o fascismo, lutava nas montanhas, os alemães iam, bombardeavam, ele contava muitas histórias a respeito dessa época. Os alemães destruíam as pontes, eles reconstruíam, meu pai ficou no Piemonte, região situada no norte da Itália. Ele nasceu em Montaldino, uma pequena italiana.

Para o Brasil ele veio sozinho?

Veio sozinho com a cara e com a coragem! Desceu no porto de Santos.

Ele conhecia alguém no Brasil?

Não! Ele foi um dos primeiros a formar-se como engenheiro aeronáutico na Itália. Aqui ele foi trabalhar na Aços Villares como engenheiro. Fez os projetos para a Aços Villares. Nessa época ele conheceu a minha mãe, ambos moravam no bairro Aclimação, naquela época havia os bailes, ela e conheceu, se encantou e um mês depois pediu o em casamento. Ela é descendente de italianos. Casaram-se no dia 21 de maio de 1953 na Paróquia Matriz Nossa Senhora do Carmo de São Paulo, a Rua Martiniano de Carvalho, 114 na Bela Vista. Seus avós maternos vieram pequenos da Itália, meu avô é Francisco Cosenza e a minha avó é Maria Timini. Meu avô paterno é Francisco De Negri e minha avó paterna Ângela Maria, como eu...

Tenho mais de 1.000 seguidores no canal!

Mais alguém da família participou da Segunda Guerra?

Meu avô paterno, também chamado Francisco, era capitão do exército italiano, foi fuzilado quando a guerra estava no final isso ocorreu na Grécia, foi jogado em uma vala, pelos alemães. A guerra já tinha acabado, até então italianos e alemães eram aliados, com a derrota houve o caos. Nessa época meu pai era muito jovem, seguia a linha dos partigianos. Eu sei disso porque há um livro que fala do meu avô, da minha família, foi escrito por uma tia minha, Emília Dall'Oro, inclusive esse livro é adotado nas escolas italianas, chama-se "Buona Fortuna Ragazzi". É a história do meu avô, fala do meu pai, fala da minha bisavó que viveu 105 anos, é a história da guerra e a história de amor do meu avô e minha avó. Ele foi fuzilado,

deixou-a com as crianças todas pequenas, ai meu pai veio para o Brasil para sustentar a família lá. A Europa toda estava devastada. Aqui era promissor, era a América. Eu tenho um canal no YouTube, Carina59, fiz uma homenagem quando a minha mãe faleceu, gosto de colocar música instrumental com algum texto, algum poema, gosto muito de fotografia, fiz um curso de fotografia. Esse canal eu fiz pelo fato de ficar muito tempo em casa, cuidando da minha mãe. Desenvolvi um programa que fazia filmes. Passei a pesquisar textos, músicas fotos que achava ser relacionadas. Tenho mais de 1.000 seguidores no canal!

Voltando a trajetória da família seu pai estava trabalhando no Villares.

Ele já tinha constituído a família, com os filhos, quando decidiu voltar à Itália. Toda vez que nascia um neto, minha avó paterna, Ângela Maria, vinha para o Brasil. Ela insistia muito para irmos para a Itália. Uma tia minha tinha casado com um industrial do ramo de ar condicionado, na Itália. Mediante uma oferta irrecusável, meu pai foi embora para a Itália, com toda a família. A mudança foi de navio e fomos de avião. Eu tinha quatro anos. Fomos morar em uma cidadezinha bem pequena, chamada Truccezo na comunidade italiana da região da Lombardia, província de Milão, com cerca de 4.300 habitantes, foi dito para ser uma creche, que lá é chamada de asilo, as freiras é que tomavam conta. Toda cultura daqui é diferente da cultura de lá.

O que, por exemplo?

Aqui minha mãe tinha funcionários para ajudar, babá, nós morávamos em uma casa que meu pai construiu na Aclimação, tinha uma piscina no quintal. Lá é outra cultura. Ela tinha que fazer tudo, com quatro filhos! Todo mundo foi para a escola, só o pequeno ficou em casa. Meus irmãos passaram uma época em colégio interno. Eu e o pequeno ficamos com a família.

Você teve dificuldade com a língua italiana?

Não! Não tive dificuldade! Na escola você acaba sendo obrigada a se virar. Não senti muita diferença na alimentação, tinha macarrão, batata, carne, legumes e verduras era bem sazonal, não é como no Brasil onde tem alface, frutas, o ano inteiro. A região do Piemonte, onde meu pai nasceu, fabricam vinho. Uma das lembranças que eu tenho, no período das nossas férias, ia com as pessoas, com meu pai e meus amigos, até as vinhas. Colhia a uva e colocava nos carros que os bois punham isso em 1965. Passavam o dia todo colhendo uvas. Paravam do lado das casinhas, na própria casa onde moravam, embebeo, no porco, produziam o vinho. As uvas eram pisotadas, abria a rolha do carro de bois, havia uma abertura na parede que jogava a uva e o caldo através de um condutor metálico e a uva caía direto no tonel. Da forma que foi pisotada ficava fermentando. Daí passava de uma tonel

para outro, tinha todo um processo de fabricação do vinho, separavam o caldo.

Minha mãe fazia macarrão talharini!

Pão a sua mãe fazia em casa? Minha mãe fazia macarrão talharini! Ela aprendeu a fazer na Itália. spaghetti, ravioli de espinafre com ricota.

E você ajudava?

Eu não gostava muito de ajudar não! Dos quatro filhos eu era a única mulher, minha mãe me solicitava muito, lá na Itália não tem funcionário. É um país muito machista, a mulher tem que limpar a casa, servir o homem.

Você chegou a entrar em algum castelo?

Sim, as residências são totalmente diferentes. No Brasil era tudo grande, nossas casas já tinha garagem, o Brasil é espelho da América do Norte. Na Itália, continua muita coisa no sistema que é, a cultura é aquela. As casas eram de pedra, tem uma casa na praça que leva o nome do meu avô Francisco De Negri. Ele era militar e engenheiro agrônomo. Antes da guerra ele trabalhava no castelo cuidando das vinhas do castelo. Meu avô e minha avó moravam no castelo. Esse castelo pertencia ao Marquês D'Orta.

Quanto tempo a família permaneceu na Itália?

Ficamos 10 anos, mudamos para Cassano D'Adda, leva esse nome porque fica próxima ao Rio Adda. Morei em uma rua sem passagem de carro, chamada Viale delle Rimembranze, que significa A Rua das Lembranças, o rio passava ao lado. Lá estudei, depois do asilo fui para o Elementare, e depois Scuola Media ai fui para Bergamo onde fui o equivalente ao colégio, ia de trem para Bergamo. Lá é muito comum o uso do trem, na Itália inteira. Ia com os meus irmãos que estudavam no curso equivalente ao colégio. Eu estudei em uma escola de freiras: Piovere Linceo Scientifico - Instituto Scolastico Suore Sacramentini - as freiras eram rígidas. Naquela época, com 14 anos eu já era politizada, discutia política, era meio anarquista. Com 14 anos eu já tinha uma moto Ciao, amarelinha, era uma moto de 50 cilindradas. Todo mundo tinha, quando atingia a idade de 14 anos o sonho era ter uma moto.

Você viajou muito pela Itália?

Viajava com o meu pai, ele tinha um automóvel Mercedes-Benz, era cinco ecur, quase preto, depois ele quis comprar um Citroën, cor caramelo, porque era moderno, tinha um amortecedor que subia e descia na parte traseira do carro. Subia quando pegava uma estrada de terra, depois em estrada asfaltada ficava baixinho. De cada cidade que visitávamos meu pai comprava cartões postais para mim, guardo-os até hoje.

Você era muito cheia de energia?

Bastante! Jogava bola com os meus irmãos, ficava brava porque eles sempre me colocavam no gol. Tinha um campo atrás de casa. Meus irmãos esquiavam, eu não cheguei a aprender a esqui. Meu pai nos levava para a montanha no inverno, iamos para uma cidade chamada Piazatorre. Meu pai me levava para passear, conheci Roma, Firenze, Pompéia, Náples, Lucca, Sicília, tem um cidadezinha na Toscana, chama-se San Gimignano é muito linda, Sabi na Torre de Pisa.

Qual é a sensação que você sentiu ao subir?

De que ela era torta!(risos) Mas é bem interessante.

E o Coliseu?

Achei que é triste você imaginar o que acontecia ali. Senti-me mal em pensar que os cristãos eram devorados ali pelos leões. Visitei o Vaticano, Capela Sistina. Um lugar que me impressionou muito foi a Via Appia, e as catacumbas, meu pai me levou para ver, onde há muitos esqueletos, os cristãos que moriam eram enterrados ali.

Você permaneceu na Itália até que ano?

Em 1976 meu pai recebeu uma proposta para montar uma fundição de aço aqui. Como ele conhecia o Brasil, já tinha morado no Brasil, desenhava muito bem máquinas, projetava-as, esse pessoal ofereceu-lhe uma proposta vantajosa. Voltamos.

Qual foi a sua reação quando ele disse que iam voltar ao Brasil?

Fiquei revoltada! Tinha minhas amigas, me achava independente, dona do meu nariz. Eu saía só com os meus irmãos mais velhos. Nós tínhamos um Fiat Cinquecento que era da minha mãe e também servia-nos. Meu irmão mais velho já tinha habilitação, pegava o Fiat dela, aíamos nós, meu pai deixava, só que estabelecia o horário da volta, 10 horas ou onze horas da noite. Uma noite tinha nevado, estava muito frio, voltamos bem atrasados. Chegamos em casa, meu pai não abriu a porta. Até que após algum tempo nossa mãe percebeu que ele dormiu, deixou-nos entrar. Lá a cultura é muito diferente, aqui se vai muito à casa dos outros, você frequenta a casa dos amigos. Lá não. Só parentes que você leva para casa. Pelo fato de não ter funcionário, tem-se muito que fazer, limpar a casa, cuidar de tudo. Os jovens sim tinham tempo, onde nos encontramos? Nas discotecas! Iamos para falar em política, era cultura, não iamos para o bar para beber.

Qual música italiana que ficou marcada para você?

Todas! Uma delas Champagne de Pepino Di Capri.

Voltando ao Brasil, a família foi morar em qual cidade?

Vimos direto para São Paulo, viemos do navio, uma coisa que me marcou muito foi que o meu irmão mais velho namo-

rava e ficou por lá, meu pai também ficou no porto, ele iria vir de avião para tomar as providências mais rapidamente, no navio estávamos eu, minha mãe e meus dois irmãos, e meu pai com outro irmão despedindo-se. O navio saía lentamente, foi difícil. Chegando a São Paulo, fomos morar no Kowarick que é aquele prédio em que foi filmado "Romeo e Julieta" um filme nacional sobre um casal. É um conjunto de oito prédios, quando havia jogo do Brasil com a Itália, colocávamos a bandeira da Itália o pessoal colocava do Brasil, era muito bom. Na Europa cultivava-se muito o conceito de família. Gosto do Brasil, do clima tropical, do acolhimento das pessoas, você no Brasil faz amizade muito fácil, o Brasil é super avançado na medicina, só que esses aspectos não são mostrados para outros países, temos uma imagem de país de festas, carnaval, diversões.

Em São Paulo você frequentou algum curso?

Estudei no Anglo onde fiz o colégio, os Arcuri eram donos do Anglo e nossos vizinhos. Fiz licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas no Mackenzie, ia comer lanche no famoso "Sugliolo", que na época era na rua Antonia, depois que se mudou para o local onde está hoje. O local é simples com bom atendimento e comida boa. Na época eu jogava basquete. Trabalhei com o meu pai desde os 16 anos, até ir crescendo dentro da empresa, onde cheguei a ser gerente financeira da empresa Aços Centrifugados. Quando estudei no Anglo uma amiga apresentou-me seu irmão, acabei casando com Leonardo Baumgart, tivemos dois filhos: Fábio e Rafael. Tivemos o primeiro filho em São Paulo, como o Leonardo é engenheiro agrônomo, veio fazer o curso de pós-graduação na ESALQ. Assim, em 1986, viemos para Piracicaba. Em 1988, mudei para Águas de São Pedro. O segundo filho nasceu em Piracicaba.

Você chegou a lecionar?

Dei aulas por seis anos em Águas de São Pedro. Como voluntária dei aulas de alfabetização para adultos. Estou concluindo o Curso de Teologia, só quatro anos.

Você tem algum hobby?

Gosto de artesanato. Adoro plantas, orquídeas e é minha paixão. Meu avô por parte materna era alfaiate, minha mãe sempre dizia: "Seu avô costumava para o Ministro Rocha Azevedo".

